

REPORTAGEM

SEMANÁRIO DAS GRANDES REPORTAGENS



ESTE NÚMERO: Homens & Factos do Dia — O Crime da Pôça das Feiticeiras — ¿Desastre ou crime?
rt, a «Virjen Roja» — Vidas Novelescas — Os «arranca corações» — Carlota Corday — Um documento
original — Lança em riste — Folheando antiguidades, etc., etc.



reporter

Propriedade de **EDIÇÕES X LIMITADA**

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

O SEMANARIO DE MAIOR TIRAGEM E
: : : EXPANSÃO EM PORTUGAL : : :
GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS
: ACONTECIMENTOS NACIONAIS E ESTRANJEIROS :

Sai as sextas-feiras e é pôsto à venda
simultaneamente em todo o país

Redacção, Administração e Publicidade
Rua Sampaio Bruno, 12-5.º
PORTO

Comp. e Imp. na Tip. e Enc. Domingos de Oliveira, Campo Mártires da Pátria, 144-A—Porto

N.º 128 — ANO III
Sexta-feira, 23 de Junho de 1953
REDACTORES NO PORTO
Reinaldo Ferreira (Reportér X)
Fernando Cal
J. Vieira Alve
Hugo Rocha
Guido Severo
Santos Pereira

REDACTORES EM LISBOA
Alfredo Marques | Norberto Araujo
Artur Portela | Sá Pereira
Jaime Brazil | Santos Vieira

3 meses — série de 12 números Esc. 11\$50
6 » — » » 25 » Esc. 22\$50
12 » — » » 52 » Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estranheiro acrescentar os
respectivos portes

PAGAMENTO ADIANTADO

NOS BASTIDORES DA OURIVESARIA X.

Uma reportagem das mais
emocionantes

Assunto de verdadeira
sensação



Um motivo de
palpitante interêsse

As mais ex-
traordinárias revelações

LEIA NO PRÓXIMO NÚMERO

Único no sabor e aroma

CAFÉ SUIÇO

Moído e em chávana

— PÓRTO —

COMPRENDEMOS a ditadura fascista italiana e a organização da camisa preta. A Itália, nação nova, constituída pelo agredido dos povos apeninos, sicilianos e sardênios, ameaçava fragmentar-se, a-pesar-de vitoriosa na Grande Guerra, impelida pela desordem e pela luta de partidos. Estava em jôgo a obra de Garibaldi, a combalida compleição do mundo velho, a constituição política da Europa hesitante e neorática. A experiência comunista não encontrou ambiente propício na psicologia italiana e ficou, até certo ponto, geográficamente deslocada. A força dos partidos políticos em campo, equilibrava-se. Latejava ao rubro o cadinho onde pouco antes se operára uma das grandes fusões economico-políticas da história. O espírito latino, criador das pompas da igreja católica e entusiasta da corôa de louros com que costuma cingir a fronte dos cézares estava, uma vez mais, à mercê dos *condottieri*. A tendência messiânica do povo esperava um taumaturgo, fôsse êle quem fôsse, viesse de onde viesse. E Mussolini surgiu, empunhando o fâscio ante o pasmo dos correligionários da véspera. Outro fôsse o homem — atrevido e enérgico; outro fôsse o lábaro — empolgante e audaz — e a Itália seguiria, num arroubo de temperamento irresistível. Mussolini teve por si, além da inclinação atávica da grande nação romana, o favor da Europa conservadora e a desorientação das massas no imediato após-guerra.

Pertencemos ao número dos que consideram o fascismo como um flagêlo necessário. Actuará como drástico. Será, com uma proveitosa lição de medievalismo em pleno século xx, o factor imperiata da guerra de amanhã.

Compreendemos, pois, a ditadura preta, o sonho das novas falanges visionando o Bósforo, a orla mediterrânea por inteiro, a projecção pela Africa equatorial...

Interpretamos também o advento do nazismo na terra lendária dos margraves e dos *junkers*, de tradição caserneira, prepotente, eivada de preconceitos de casta; no país dos teutões cujas hordas cúpidas passaram o Reno e os Alpes. A Alemanha, perdida a guerra, o lema dominador em farrapos, a canga de Versalhes rojando-lhe no pó dos caminhos a fronte altiva, não podia resignar-se à escravidão imposta. Os sacrificios foram incomportáveis. A sede de liberdade, abraçando sessenta milhões de peitos, havia de os lançar no desespero e na raiva. Era preciso encontrar

um escoadouro para tantos males. E os sábios gritaram das suas cátedras — O estrangeiro, eis o grande mal! — O estrangeiro, eis o grande mal! — repetiram os aristocratas. O grito ecoou, reboou pela multidão em febre. O povo esfaímado, o bom povo sofrido e sem camisa, pedia pão e agasalho. Atiraram-lhe com o pão da conscrição e com um farrapo cinzento para cingir o corpo nu, desdobrando-lhe com ênfase, bem aberto, à luz maguada dos seus olhos cêrulos, o painel estonteante de um passado rútilo e feliz. Por ora, é quanto basta. Amanhã, ao som das fanfarras, aos acordes opiantes do *Deutschland über alles*, a oratória esbrazante de um chefe animará em Potsdam o desfile das divisões. Como naquela jornada fatídica de 1914, em Berlim, ante a França despida das tilias, hirtó, marmóreo, solene, a ponta do casco desafiando o infinito, o capote cinzento batido pela neve, um guerreiro alemão — *kaiser* ou *führer* — passará em revista os regimentos para o *front*... E a

par o fermento de ódios que lhe entravaram o progresso durante mais de um século.

Que o sol flamante da justiça ilumine toda a terra portuguesa, desde as brenhas do norte onde marulham as águas tépidas do Minho, aos amendoais do Algarve. Que o direito, o soberano direito, assista a todos por igual.

O fascismo justifica-se pela ambição das nações militaristas, imbuidas de um materialismo estreito. Não tem razão de ser em Portugal, seja qual for o balandrau que o vista.

Não temos necessidade de arregimentar organizações civis, o que o bom-senso repudia. Nada de paradas belicistas, extremado campos, abrindo cisões, dividindo as gentes. Procure-se, antes, uma união maior. Evite-se tudo quanto possa agravar a divergência de conceitos.

Há, de norte a sul, uma *espectativa benévola* ante a experiência política que se está efectuando. Para realizar obra útil,

essa experiência deverá ser cheia de isenção. Para ser bela na pureza dos intuitos deverá ser também, acima de tudo, justiceira e humana. Só assim poderá constituir um passo em frente na senda da perfectibilidade social, preparando os homens para um melhor entendimento, bannindo classes, delimitando hierarquias, definindo funções, especializando, racionalizando, dispondo a nacionalidade para a sua incorporação na nova ordem social que a marcha dos acontecimentos internacionais e o direito universal vagarosamente nos irão impondo.

ALBERTO LIMA.

N. do A. — Corrigimos as seguintes principais gralhas do anterior artigo: 1.ª coluna, linha 62.ª, «coleando» e não «calcando»; idem, linha 64.ª, «que nos guarnecem a casa» e não apenas «que nos guarnecem»; 2.ª coluna, 22.ª linha, «minuciamiento» e não «minuciamiento»; 3.ª coluna, linha 42.ª, «obsoleta» e não «absoluta».

AOS VIAJANTES

Pensão de Guimarães
de JOAQUIM DA SILVA

Diárias desde 14\$00 a 20\$00
Almoços a 8\$00. Jantares a 10\$00
19, Travessa de Camões, 21 — GUIMARÃES
TELEPHONE, 121

HOMENS

&

FACTOS DO DIA

“FRALDAS EPIDÉMICAS,”

camisa cinzenta demonstrará assim que é, também, um flagêlo necessário...

*
* *

Portugal, arcaboço de gigante que vai do extremo ocidental da Europa aos pélagos remotos da Insulíndia, servido por uma população metropolitana de seis milhões de habitantes, nunca foi nação guerreira nem cultivou veleidades imperialistas. Precisa de se dedicar ao trabalho pacífico, curando de vez a grande anemia de que sofre. O seu engrandecimento está na melhoria das condições económicas do povo, da adopção de uma política construtiva, realizadora, equilibrada. Necessita extrir-

DR. A. SANTOS AMARAL
MÉDICO

Rins e Vias Urinárias — Sífilis
CLÍNICA GERAL

Consultas das 15 às 20 horas
Telef. 5785 R. Bomjardim, 62-A PORTO



CANS

Imbuida de prejuízos errôneos, a humanidade considera como motivo de vergonha os indícios da velhice.

Emquanto ostenta com exagerada ufania os primores físicos da juventude, procura esconder como uma culpa as rugas e os cabelos brancos.

Digamos sentenciosamente que toda a vida humana, individual ou colectiva, assenta no mais tremendo erro.

Tudo é visto pelo lado do avesso, advindo daí consequências desastrosas, muitas vezes irreparáveis.

O mundo tem vindo a afastar-se da natureza e da verdade, abraçando com entusiasmo o artifício e a mentira.

Há, é certo, no momento presente, uma forte reacção tendente a fazer regressar o homem ao paraíso abandonado; mas o vício criou bem fundas raízes no seu ser, e a virtude, para frutificar de novo, terá que lutar muito tempo com a aridez do terreno e com as plantas daninhas.

É que não são só os vícios contraídos pelo indivíduo, mas também a infinidade deles que herdou dos antepassados, uns com vitalidade para manifestação, outros em estado dormente aguardando a ocasião de se retransmitirem a nova geração em que porventura despertarão outra vez.

O homem para se emancipar integralmente tem que praticar verdadeiro *tour de force*, que não poderá ser cumprido em uma nem mesmo três gerações, e que dependerá absolutamente da compenetração em que estiver dum novo rumo, aliada à tenacidade mais sólida.

A vida será então uma gloriosa marcha ascendente, uma série de batalhas heróicas, e o pináculo atingido deixará de ser o lugar da crucificação, pois o homem nesse ponto será coroado com os louros da vitória que serão os seus belos cabelos brancos.

Ninguém pensará mais em pintar as suas cans nem apagar as suas rugas, porque a verdade, tornada moeda corrente, insinuará no nosso espírito a ideia salutar pela qual passaremos a encarar os fenómenos da existência com igual naturalidade.

O nascimento deixará de provocar a esfuizante alegria que hoje nos perturba e delicia, mas, em compensação, a morte, o outro extremo, deixará de fazer-se rodear daquele misterioso terror, não mais vibrará o golpe dilacerante em nossos corações, pois uma nítida compreensão alumiará o caminho por onde se rompem laços que vemos que não podiam ser eternos, mas serão substituídos quando não sejam em nós pelo menos em nossos descendentes.

A vida, se a analisamos no indivíduo isoladamente, não é mais que um instante; é um fragmento incarácterístico, chegamos mesmo à conclusão de que não é nada.

Mas se a vemos no decurso das gerações, já lhe encontramos um sôpro de eternidade, uma seqüência infinita, uma obra enorme, já encontramos alguma coisa.

É que o indivíduo, no tempo muito mais que no espaço, é uma gota microscópica que forma no encadeamento sucessivo da humanidade pelo caminho dos séculos o formidável oceano cujo aspecto só pode-

EM Madrid acaba de desenrolar-se uma tragédia, uma dessas tragédias que a História não olvida facilmente e que ficam a demarcar e a glorificar o esforço e o entusiasmo dum qualquer movimento precursor. Uma mártir caiu mais, nesta senda longínqua percorrida pelos homens e mulheres que o sabem ser verdadeiramente.

Hildegart caiu no seu pôsto, em luta aberta e franca pelos seus postulados. Sua mãe, cega de furor, de consciência cerrada, absorvida pelas conjecturas do *que se dirá*, defendendo a *honestidade*, a *vir-*



Hildegart Rodriguez

tude, a *honra*, privou a Espanha, privou o mundo inteiro dum dos mais formidáveis talentos contemporâneos.

Lágrimas sentidas há-de ter chorado o sábio sexologista Maraño; o filósofo Or-

mos ver no passado por meio da história, mas por um prisma muitas vezes deturpado pelo erro de visão de quem a faz ou pelo seu espírito de seita.

Verdadeiramente, não nos é dado presenciar em toda a sua integridade o conjunto da vida humana nos seus variados aspectos, através das suas inúmeras *étapes*: não há ainda instrumento que no-lo proporcione.

Se houvesse, se um dia houvesse, então, sim, a missão do indivíduo será compreendida com nitidez cristalina, e a roda colossal, que a nossa vista reduzida não abrange, girará em novo sentido, no sentido desejado por tantos corações inquietos, guiada por nossas mãos já conscientes, já conhecedoras de toda a sua engrenagem.

E a meta auspiciosa será atingida sem dificuldade, e largos horizontes de liberdade e fraternidade não-de ser devassados por uma humanidade finalmente e para sempre feliz.

D. QUIXOTE

HILDEGART

a "VIRJEN ROJA"

tega y Gasset; o filósofo e político desiludido Unamuno. Lágrimas e soluços pungentes não-de ter soltado os seus companheiros dos bancos universitários; os operários amantes da cultura que acorriam, para se instruírem, às suas conferências nas «Casas del Pueblo»; os jornalistas, seus companheiros nas campanhas vibrantes contra o mundo venal da política espanhola. Lágrimas sentidas choraram, por toda a Espanha, com certeza, centenas e centenas de espíritos libertos e desempoiados, que vêem nas manifestações livres da Inteligência um escopo, tenazmente perseguido, da felicidade humana.

Um sentimento de alívio devem ter sentido os sr. Prieto, Caballero, De los Rios, Trifón Gomez e tantos outros socializantes que atraçoaram os seus princípios — os princípios marxistas — colaborando, contra tudo e contra todos, no ministério burguês do sr. Azaña... Um sorriso prolongado de satisfação se há-de ter esboçado nos lábios dos monárquicos, que se viram batidos por ela, em toda a linha, na época ominosa dos consulados de Rivera e de Berenguer. Um grito de vitória não-de ter soltado os padres espanhóis, ante o morrer sereno da moça vibrante que lhes arrancava das mãos, pela sua doutrinação de crítica severa e libérrima, seres fanatizados. E um ai de alívio, cheio de satisfação e gôzo, soltaram, por certo, os cavaleiros das banalidades de todos os dias, apóstolos da moral imoral que rege hoje os destinos dos homens, que arengam nos jornais e nos tablados formidáveis excomuniões contra as modernas doutrinas sexuais, que Hildegart evangelizou; e as comadres, receptoras do *que se dista*, emisoras do *que se diz* junto dos ouvidos, susceptíveis de emoção, dum mái débil.

O gesto tresloucado desta mãe, que por certo, muitas vezes, sentiu um interior orgulho pela manifestação precoce da inteligência exuberante de sua filha, é um destes gestos cujas consequências não se podem medir imediatamente. A morte dum homem ou dum mulher vulgar faz imediatamente saber os prejuízos (ou benefícios para os herdeiros) que provoca: funeral, pagamento da conta do médico, certidão de óbito e responso para quem usar. Mas a morte dum moça de excepcional valor, advogada, letrada, médica, sexologista, professora, jornalista, militante política e social, não pode ser calculada nos seus prejuízos ou nos seus

benefícios, num momento dado. Porque às vezes mesmo o prejuízo dum morte traz, para a colectividade, e principalmente para uma causa, incalculáveis benefícios.

E Hildegart abraçava uma causa — a causa que tantos homens e mulheres da Espanha Nova abraçam com fervor divino: a causa do bem individual e social. Hildegart, sabia, que era, no dizer do dr. Almerindo Lessa, «a maior esperança da mentalidade ibérica», não se restringia, porém, ao saber catedrático e à acção académica.

Bem prova disso é o facto de, quando Rivera expulsava Asúa da cátedra que regia, por haver tratado com elevação e inteligência um tema novo, mas palpitante, ter Hildegart, levantando o facho da sua indignação e continuado êsses estudos que o ditador queria não permitir.

Os sábios, impantes de sabedoria e barrega cheia de talento, deviam compreender bem o gesto desta moça. Venha o saber para a rua, numa manifestação gloriosa de vitalidade e amor humano! Venha ele! O saber é fruto da colectividade, de ontem, de hoje e de todos os tempos. Os seus depositários devem expô-lo em armazens públicos. Lançá-lo para aí aos quatro ventos, para que nós possamos dele colher belos e saborosos frutos. Sábios: A vossa companheira Hildegart, a menina dos dezóito anos, a «virjen roja» das províncias espanholas, deu-vos o salutar exemplo: É necessário que o sigais. É belo semear!

Hildegart morreu por semear. Como morrem cedo todos os semeadores! Os semeadores têm, por vezes, tudo contra eles: a agressividade dum mundo, que não compreende o seu belo e altruístico gesto, agressividade preconceituosa, venal e dos privilegiados.

Hildegart tinha muitos inimigos. Falar verdade e muito alto, elevada e inteligentemente, concita muitas inimizades. De feito eminentemente combativo, contundente para os seus inimigos, não podia furtar-se às deslealdades, ataques traiçoeiros e aos ódios mesquinhos.

Podia dizer tranquilamente: «Posso responder dum modo categórico e rotundo aos que perguntam de que vivo: Nem tenho nenhum lugar oficial; nem nenhum «enchufe»; nem nenhum «cargo retribuído»; nem vivo à custa de fundos de origem inconfessável.

Vivo do fruto do trabalho dos meus avós

e do meu trabalho pessoal, o livro, artigos e conferências».

Esta independência era o seu galardão. Foi com ela que combateu, numa série de artigos no diário «La Tierra», a política da social-democracia espanhola, deixando pelas ruas da Amargura os descarados dirigentes do Partido Socialista de Espanha, que carrilaram para fins de mesquinha



A louca mãe...

política a «Unión General de Trabajadores», desviando-a, segundo ela, do seu verdadeiro papel e missão que era a «luta de classes».

Foi com esta independência que escreveu o livro — *Se equivocó Marx? Fracaso el socialismo?* — livro de crítica e análise às ideias sociais de Marx, dos seus contritantes libertários, como Proudhon, por exemplo, e que marca bem uma nova directriz no pensamento social da jovem e fecunda escritora.

Tomando como lema o «Sejamos resolutamente mais marxistas que Marx» de Sorel, prega a volta ao marxismo puro que ela diz consubstanciado nos Estatutos da IV Internacional, de feição anarco-sindicalista, de Berlim. E, assim, atacando em toda a linha a política do Partido Socialista espanhol, a acção geral da social-democracia europeia, dizendo acatar

ainda os princípios dos Estatutos da U. G. T., mas desligar-se totalmente dos seus dirigentes, marca e define um passo bem grande para a esquerda, num sentido libertário, glorificando, por exemplo, o «tão caluniado movimento do Alto Llobregat», e associando-se à feição de Sorel que Pierre Besnard acaloradamente defende em França.

Génio eminentemente crítico, como é próprio dum tão assombrosa inteligência, analisava todas as ideias, de todas elas tirava consequência e ensinamentos. E fixava-se, então, naquela que tinha um conteúdo mais humano e, porisso, mais prático.

Da sua prodigiosa actividade intelectual, actividade que nos assombra e que, se não fosse de fácil verificação, negaríamos, por certo, traçou um ligeiro resumo no «Jornal de Notícias» o dr. Almerindo Lessa.

Era uma mulher sábia e uma mulher de acção. Assim deviam ser todos os sábios. Assim devia ser toda a gente culta. Os sábios, os homens de ciência, se querem cumprir bem a sua missão social, que é um dever, devem vir até nós, estar entre nós, agir connosco, levantar, como quem levanta os padrões imorredouros, no nosso seio, o seu laboratório.

Hildegart era assim.

Preguntemos à pobre, à louca mãe:

Mãe, quem te armou o braço homicida? Quem te disse ao ouvido palavras de censura, quem gracejou de tua filha, quem te apontou como mãe perversa por teres dado ao mundo uma filha genial? Quem te armou o braço homicida?

O ditério *gracioso* dum cavalheiro de fraque e de monóculo? A reprovação instante e persistente das conselheiras comadres? O jôgo maquiavélico dum política venal?

Mãe assassina: quem matou a tua filha?

J. S. L.

¿A Casa dos Pobres ludibriada?

Por motivo do nosso redactor se encontrar ausente na Província em serviço de reportagem, não nos é possível publicar esta semana a continuação de este importante caso, que tanto êxito alcançou. Que os nossos leitores nos desculpem.

O Crime da Pôça das Feiticeiras

Hoje tem a palavra a Regoa. — Continuando a autopsia à carta de alguém que não deseja que seja feita justiça. — Dizer não basta... — Façam como nós: Provem

O nosso plebiscito acêrca da revisão do processo da «Pôça das Feiticeiras» — e que tão bem recebido tem sido pelo público — vai terminar no n.º 129 do «Reporter X» de 30 do corrente. Até hoje ainda não recebemos um boletim, sequer, com a palavra Não. Bendita a hora em que pensamos fazê-lo. Já sabíamos antecipadamente que êle seria bem acolhido, mas nunca nos passou pela idea que tomasse tão grande incremento. É o povo português que, com raras excepções, deseja a revisão, para que Claudino Ribeiro e D. Silvina possam, novamente, ser julgados. Dizemos raras excepções sem receio de errar e, essas mesmas não tem coragem para assinarem que não desejam que a revisão se faça. Trabalham na sombra, se possível fôr, para a evitarem, sem a ombridade precisa para, frente a frente, cara a cara, dizerem: — Nós não desejamos que a revisão se faça por... que isso nos vem prejudicar, ou por qualquer outro motivo. A nossa campanha é leal, é desassombrada e o nosso pedido é legal, é humano. Desejamos que a revisão do processo da «Pôça das Feiticeiras» se faça, para que se possa fazer a justiça que todos os bem intencionados desejam.

¿Que mal poderá adivir da revisão? — Nenhum além do esclarecimento da verdade. Se o tribunal que os julgar novamente, entender, com provas insofismáveis, que êles estão bem condenados, pronto, não se pensa mais nisso e muitos milhares de portugueses ficarão de bem com as suas consciências, por terem intercedido pela revisão que julgou e condenou, muito embora, mas com provas, Claudino e esposa como assassinos.

¿Mas, se o mesmo tribunal que os vier a julgar, os absolver por os reconhecer inocentes de aquêl crime, não é também um crime e de lesa humanidade o estarem presos há oito anos? — Estamos certos que Sua Ex.ª o Presidente da República não deixará de atender aos clamores do seu povo que lhe pede para conceder a revisão do processo da «Pôça das Feiticeiras». Mais uma carta vamos hoje publicar de uma senhora que, como nós, lamenta que a revisão daquêl processo ainda não fôsse concedida:

«Regoa — Ex.ª Sr. Redactor do «Reporter X» — Queira desculpar a forma singela como me dirijo a V., pedindo-lhe o seu valioso auxilio e bom conselho sôbre a maneira de obter nomes de algumas mulheres portuguesas, visando o fim de pedir ao Ex.ª Presidente da República a revisão do processo da «Pôça das Fei-

ticeiras». — Por mais de uma vez tentei levar a efeito a idea que V. tão bem expôs no seu excelente semanário «Reporter X», mas sentia-me tão só, que me limitei a mandar em março dêste ano, ao redactor do «Primeiro de Janeiro», umas listas com 180 nomes, manifestando assim o meu apoio à revisão do processo e à imensa compaixão que me inspiravam desde a sua prisão, êsses infelizes Claudino Lopes Ribeiro e D. Silvina Trindade Ribeiro, que não conheço. No entanto, como portuguesa sôfro com êles e os lamento.



Uma das mais interessantes cenas, da reconstituição

Causa pena ver o entusiasmo com que as senhoras se pronunciaram a favor da Maria do Sol, (que cometeu um crime) obtendo para ela o perdão, e o esquecimento a que é votada D. Silvina, vítima de um erro judiciário. Sr. Redactor: abençoado seja pelo generoso apêlo que lançou nas colunas do seu apreciado jornal e, praza a Deus, que êle tenha o condão de despertar os corações das nossas patricias para mais uma vez, mostrarem que são portuguesas, conseguindo um acto de verdadeira justiça. Por mim, ofereço-me para conseguir nesta terra e talvez em todo o concelho do Pêso da Regoa os nomes das mulheres que sintam como eu, a injustiça de que são vitimas Claudino e esposa, correspondendo assim com

o meu humilde esforço ao seu apêlo, para o bom resultado desta tão justa como bela causa. — Subcrevo-me de V. adm.ª sincera (a) Cecília da Graça Guedes Oliveira Machado.

Bem haja, minha senhora, pela sua grande vontade e esforço em beneficio dos condenados, vendo-se bem que o magnânimo coração de Vocelência é albergado no peito de Uma Portuguesa.

(Continuação do número anterior)

O boato tomou vulto. Tôda a gente dizia, sr. Augusto (?) que a Albina estivera em Viseu, mas ninguém afirmava tê-la visto. A policia procedeu a investigações vindo a saber que, quem isso dizia e propagava, era o José Rodrigues Vaz Junior (filho do Homem dos Bigodes). Foi chamado à policia e, ali, declarou que, de facto, no dia 3 de Maio havia visto, pelas 9 e meia horas, e quando estava na officina do Ferrador do Arco com uns bois, descer de uma camionete que vinha do Sátam, a Albina e, para corroborar as suas declarações indicou o nome do Sr. António Augusto Pais, ferrador e que trabalhava naquela officina. Êste cavalheiro chamado como testemunha, declarou que, de facto, no dia 3 de Maio estando

a ferrar uns bois pertencentes ao «Homem dos Bigodes», pelas 16 horas e não aquêlas que o Vaz Junior dizia, êste vindo à porta, dissera que ia ali a Albina, mas que êle Pais não a vira por se não ter desviado do serviço que estava a fazer. Foram acareados quanto às horas a que o facto se tinha dado, confirmando cada um os seus depoimentos.

Ninguém em Viseu além do José Vaz Junior viu a Albina. Ele, tendo estado em casa do ferrador do Arco às 16 horas e meia e como houvesse ali dito que a vira descer de uma das camionetes do Sátam, reconheceu, mais tarde, que aquêla sua afirmativa era errônea, porquanto aquêlas camionetas chegam a Viseu das 8 para as 9 horas, motivo porque, depois, na policia, foi dizer que

quando a vira eram 9 horas! — ¿Que interesse teria o Vaz Junior em dizer quando do aparecimento das jóias, que havia visto em Viseu a Albina? — ¿Saberia êle quem escondeu aquêlas jóias e desejaria atirar com as culpas para aquêla? — Assim parecia. Mas, como já acima dissemos, segundo o exame feito, as jóias já se encontravam há muito tempo no buraco da parede da Quinta da Arroteia, possivelmente desde a data do crime. Tenhamos em vista sr. Augusto (?) que elas estavam numa parede que confinava com o caminho que o António Ferreira, (genro do Homem dos Bigodes) seguia para ir para a sua residência.

Ora, o sr. Augusto (?) em sua carta, parece fazer crêr que, aquêlas jóias fôram agachadas pela Albina dias antes do seu aparecimento...

Está posta de parte a ida da Albina a Viseu, porque isso ficou bem provado, mas, admitamos como hipótese, que ela havia ali ido.

¿Por êsse motivo tinha sido ela que escondeu as jóias? — Sr. Augusto (?) há-de concordar que é pouco inteligente em ter pensado isso sequer por momentos. — ¿Então os condenados estando sem um centavo, e tendo as jóias que valiam alguns milhares de escudos, iam mandá-las meter no buraco de uma parede? — ¿Para quê sr. Augusto (?)? — ¿Indicava isso por acaso que êles não

havam sido os assassinos? — Não lhes seria fácil desfazerem-se delas em Lisboa, recebendo, assim, algum dinheiro? — ¿Além disso, sr. Augusto (?) para que iria a Albina esconder as jóias num sitio onde só por méro acaso, como aquêl que se deu, seriam encontradas? — Adivinhava ela antecipadamente que os rapazitos iriam ali para agarrar uma ave, que de combinação com a Albina, foi indicar onde elas se encontravam? Ai, sr. Augusto (?), sr. Augusto (?) que me dá tantos desgostos!

Era, sim, sr. Augusto (?). Como sabe, em Lisboa, podia ser vendida ou

empenhada a corrente, o berloque e os aneis, podendo também, se isso fôsse necessário, descravar-se primeira-

mente o brilhante, que seria vendido noutra parte. ¿Não lhes seria fácil também tirarem a caixa ao relógio e inutilizarem o monograma por qualquer forma e vendê-la depois? ¿Arranjavam ou não assim aquilo que não possuíam — dinheiro? — Arranjavam, sim, sr. Augusto (?) e nunca se viria a saber a quem haviam pertencido aquêlas jóias, vendidas como sucata e, como tal, derretidas.

Mas, continuemos a transcrever a sua carta: — «Estou certo de que não publicará esta minha carta e, portanto, para que aduzir mais argumentos?» — O sr. Augusto (?) enganou-se mais uma vez, julgando que não publicaríamos a sua carta. O sr. Augusto (?) é fatídico nos enganos. Foi, com certeza, pécha que lhe ficou de criança. Mas, continuando: «Terá ou não ou o maior valor juridico o depoimento da criada Beatriz (?)?» — ¿O sr. Augusto (?) conhece, por acaso, o depoimento dessa Beatriz, cujo sobre-

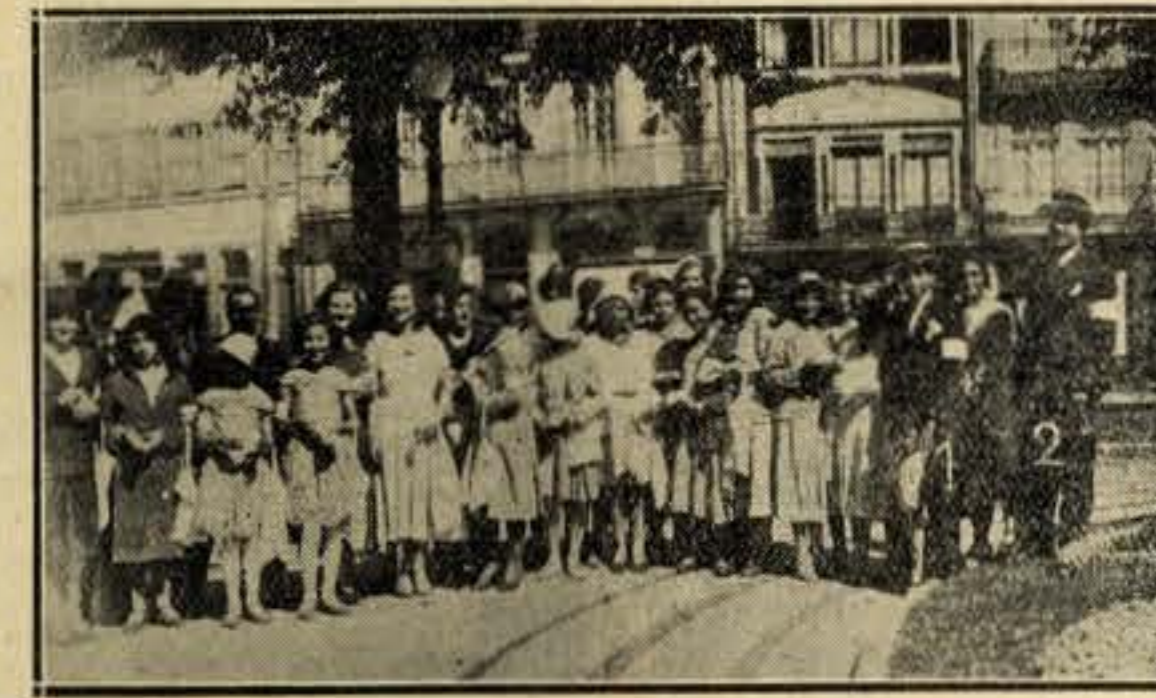
nome é Abrantes e que não era criada, mas sim uma jornaleira? Esta Beatriz, sr. Augusto, já aqui o dissemos, foi uma testemunha que depôs com ódio aos condenados mas, apesar disso, não fez qualquer prova. Ela, quando do julgamento da familia do «Homem dos Bigodes & C.ª» tanto quiz acusar os actuals condenados que pondo a claro pontos que estavam obscuros, os defendeu.

Quisemos deixar o sr. Augusto (?) bem inteirado da sua ignorância e, por isso, vamos transcrever o que ela disse — e se acha junto aos autos — na presença dos investigadores, agentes Vidal e Meira, guarda n.º 17 da P. S. P. de Viseu, Manuel da Silva e do Comandante da Policia de Viseu, sr. tenente Joaquim Cavaleiro que, então, presidia aquêlas investigações: — «Que à data da morte de João Alves Trindade, trabalhava a respondente na Quinta de S. Caitano havia cêrca de oito meses como jornaleira do Claudino e da D. Silvina. Soube do desaparecimento do brinco por a D. Silvina disse se ter queixado, mas não foi a respondente que o achou, assim como

quem foi. — No entanto sabe que êsse brinco foi achado por João Alves Ferreira, de Ranhados, no dia em que o João Alves Trindade appareceu morto na «Pôça das Feiticeiras» e,

soube isso a respondente, numa ocasião que tinha sido detida e estava debaixo do alpendre em frente do solar, com Piedade Mendes, e a Mariana, que já faleceu e uma outra mulher de nome Maria; que não viu, como disse, o João Alves Ferreira achar êsse brinco, apenas o ouviu dizer. Junta com as outras veio para esta policia, onde esteve presa três dias. Que se recorda de só uma vez ir ao tribunal depôr e, seguidamente, ir para Lisboa e dali para Boticas. Que quando se aproximou o julgamento, foi recebido um telegrama na administração daquêl concelho, pedindo a sua captura, mas, uma senhora em casa de quem servia, e que era cunhada do administrador, tomou a responsabilidade pela apresentação da respondente.

(Continua na página número 15)



Grupo de senhoras, que entraram num «peditório», pré-revisão do processo



José Figueiredo, que encontrou e fez a entrega das jóias...

COMO todos os gêneros de literatura, também a novela policial teve a sua época de criação, para atender as exigências da Humanidade.

Após os romances de cavalaria e de amor passional terem feito vibrar intensamente o espírito ingênuo das multidões, um novo gênero se tornava necessário, para alimentar a fantasia do público.

Júlio Verne — como Marco Polo noutros tempos — surge então com as suas «Viagens Maravilhosas», que, por momentos, arrebatam e extasiam; porém, o pouco ou nenhum realismo das suas obras, começa a diminuir o interesse despertado e decai rapidamente uma modalidade literária, que nós celebramos agora, ao vermos realizadas as suas previsões científicas.

Expirava o século XIX, quando Conan Doyle num gesto audacioso lança em público o seu aventureiro e destemido Sherlock Holmes. Apesar do título sugestivo, *Aventuras de Sherlock Holmes*, o povo inglês parou defronte das livrarias admirando o folheto e seguiu indiferente, encalhando os ombros; ninguém conhecia semelhante indivíduo, nem constava que algum explorador tivesse usado aquele nome; porém, como acontece quasi sempre, houve transeúntes mais curiosos que quiseram conhecer algumas proezas daquele aventureiro anónimo...

Compraram... leram... e gostaram... Transmitida a sua opinião a outros, *Sherlock Holmes* foi aplaudido, e decorridos poucos meses, Conan Doyle e o seu formidável detective, eram duas personagens célebres em toda a Inglaterra: estava lançada a novela policial.

Naturalmente, semelhante sucesso trouxe discípulos a Conan Doyle e rivais perigosos ao seu herói. Os nomes de muitas celebridades actuais, surgiram tímidas e indecisas, quais luzes bruxolantes, no espaço incomensurável, a caminho da Glória.

Contudo, o positivismo estonteante do «après-guerre», as exigências duma nova época que despontava, recheada pelos narcóticos de alguns anos de luta febricitante, obrigaram a criação de um novo gênero de jornalismo, capaz de satisfazer um público sempre ansioso por sensações emotivas. Foi então que surgiu o jornalismo policial, sem dúvida aquele que hoje gosa um melhor ambiente, talvez por não ter a mais pequena analogia com o velho jornalismo piegas, isto é, ter como fulcro as próprias causas que o originaram.

Porém, dirá o leitor, que relação poderá haver entre a tragédia do ribeiro de Cedões, o sr. Conan Doyle, e tantos outros?

A TRAGÉDIA DE CEDÕES

O jornalismo policial, e as nossas pretensões. Versões, muitas versões. Alienação? Uma frase significativa. Estranhas coincidências. No ribeiro de Cedões.

É que, antes de prosseguirmos com a nossa reportagem, à volta da qual se está já levantando viva celeuma, queremos deixar bem frisado *que não somos polícias — nem tam pouco pretendemos vir a sê-lo*, mas simplesmente jornalistas dentro dum gênero, cuja independência é conhecida.

A nossa reportagem

Como era de esperar, está despertando o mais vivo interesse por toda a parte, mas,



O sr. Reinaldo Ribeiro Nogueira, no momento de ser entrevistado pelo nosso reporter — entrevista essa «curiosíssima» que publicaremos num dos próximos números

principalmente na região minhota, o haver-mos tomado conta deste assunto, que parecia estar destinado a ficar para sempre, mergulhado em profundas trevas.

Tornou-se pois assunto obrigatório de todas as conversas, este infausto acontecimento, hoje designado pela «Tragédia de Cedões», batismo que lhe demos com o

título do artigo anterior e de que nos serviremos, todo o tempo que formos obrigados a tratá-lo.

Como em todos os casos desta natureza, as opiniões dividem-se formando múltiplas correntes, cada uma apresentando a sua versão, algumas bem disparatadas como é vulgar. Recorrendo apenas ao que de positivo se encontra em todas elas, e nos foi assegurado por pessoas de idoneidade indiscutível, vamos procurar reconstituir a tragédia, — perdão! — contar-te, leitor, o que ouvimos dizer *in loco*.

O que se diz

Segundo várias pessoas, ao entardecer do dia 23 de Janeiro último e portanto véspera daquele em que foi encontrado o cadáver no ribeiro de Cedões, foi vista na Trofa, caminhando apressadamente pela estrada que conduz ao Porto, uma mulher com todas as características da vítima, levando no braço uma pequena cesta de vime. Parecia bastante preocupada, caminhando sem prestar atenção aquêles com quem cruzava, e, disse: *dando indícios de alienação mental*. Devemos notar desde já, que, durante o tempo que percorremos a região, em busca de elementos para documentarmos a nossa reportagem, não apareceu uma só pessoa, capaz de nos garantir que viu ou ouviu essa mulher, tendo verificado indícios de alienação mental.

Mais tarde, já noite — dizem-nos — foi vista no lugar da Pessamá, com a mesma cesta no braço, tendo estado numa taberna local durante algum tempo, após o que saiu para a rua, não voltando a ser vista, até às 5 horas da manhã do dia imediato, em que, segundo afirmam um filho de Francisco Regado e uma leiteira de Alvarinho, encontraram a infeliz, estendida na estrada, com um homem junto dela.

É este, um ponto importante sobre que as autoridades devem ponderar — se mandarem investigar oficialmente, este gravíssimo caso — porquanto o local indicado, fica próximo da embucadura dum caminho,

que conduz ao ponto, em que passadas algumas horas, foi encontrado o cadáver.

Dizem ainda — as testemunhas desta cena — que pararam, com a intensão de perguntar se era preciso alguma coisa; porém, que tal não fizeram, pois o indivíduo ao ver que se detinham, lhes dirigiu com arrogância, esta frase:

— *Sigam o seu caminho, se não querem que lhes faça o mesmo*.

Fantasia? Produto da sua imaginação? Não o sabemos, nem tão pouco nos cumpre a nós, averiguá-lo; contudo, seja ou não verdadeira, é uma afirmação que as autoridades não podem, nem devem desprezar, pela gravidade que encerra.

Há mesmo dois outros cavaleiros, os srs. Manuel da Silva Sá Júnior e Manuel Vaz e Silva, que garantem — tendo-o dito, muito antes da hora a que apareceu o cadáver — *que nesse mesmo local da Pessamá havia uma grande mancha de sangue, pela manhã*.

São dois testemunhos também valiosos, que não podem pôr-se de parte.

Encontramos ainda, outros elementos, de não menor interesse; porém, como seria enfadonho mencioná-los um por um, limitamo-nos a registar o do sr. Joaquim da Costa Azevedo, cujo carácter íntegro e inteligência superior, são a melhor garantia, da veracidade do que nos afirmou.

Comerciante conceituadíssimo e director do jornal *Trofense*, representa além disso, vários «diários» do País. Acompanhou os acontecimentos desde o seu início, fez mesmo *polícia* por conta própria, discor-

dando completamente, da orientação que as *deligências* levaram. Foi ao lugar da Pessamá, quando lhe disseram que aparecera a mancha de sangue e *levantou uma pedra ainda rajada*, pelo precioso líquido vital; depois, verificando o local em que o cadáver se encontrava, *constatou que se era possível uma pessoa afogar-se, era contudo muito difícil*.

Esta última afirmação, ouvimo-la a muitas pessoas e nós mesmo o verificamos. Não é possível, com água por baixo do joelho e estando uma grande parte do corpo, acima do nível da corrente, que esta tenha causado uma morte por asfixia, como o registamos peritos, quando no exame médico que lhe fizeram, verificaram que o peito da infeliz se encontrava um pouco dilatado, e, apertando as carótidas, vomitou um bocado de água. Porém, este ponto bem como outros não menos curiosos, tratá-los emos no próximo número, dada a



(x) O local em que foi feita a autópsia (?) vendo-se ao fundo o palheiro onde depois guardaram o cadáver

escassez de espaço, com que hoje lutamos.

Coincidências?

Se nos afastarmos por momentos da hipótese de um crime, enveredando pela de um desastre, há certo número de coincidências que não podem deixar de espantar-nos, obrigando-nos a formular múltiplas interrogações, qual delas mais irrespondível.

O aparecimento da vítima na Trofa — do que duvidamos e aliás ainda não está com-

provado, por testemunhas oculares — interessar-nos-à depois, quando tratarmos de saber de onde vinha e para onde ia, para que fosse parar a uma terra, que lhe era estranha; porém, o aparecimento (?) no dia 23 no lugar da Pessamá; o incidente da madrugada de 24 e o encontro da mancha de sangue, tudo isto horas antes do macabro achado no ribeiro e *desenrolando-se* tão perto, — com a agravante de possuir um caminho de ligação, entre os dois lugares — é demasiadamente grave, para que possa ser descurado.

Se outras coisas mais importantes não houvesse e tratarmos no próximo número, estas por si só eram bastantes para que não puzessemos pedra sobre o assunto, sem o vermos devidamente esclarecido.

SANTOS PEREIRA

UM DOCUMENTO ORIGINAL

SEM comentários á volta da sua razão de existir, publicamos no número 126 do *Reporter X* um «interessante e curioso» documento, — que submetemos á apreciação do público.

Se a essência fundamental dessa escritura foi compreendida pela maior parte dos leitores, — várias cartas nos têm sido dirigidas, pedindo esclarecimentos sobre tal documento, ás quais vamos responder, satisfazendo a curiosidade daqueles para quem o documento em questão não passava duma simples... *escritura*, — velada por um fiozinho de mistério, que vamos desvendar.

¿Confissão de dívida? ...Sim!... Não!... Negócios... Negócios escuros e condenáveis.

A 13 de Janeiro de 1927, conforme diz a certidão, o sr. Geraldo Araujo Gonçalves, casado, de Pedrouços, Águas Santas, e o sr. Vítor Longa, casado também, da rua Sá da Bandeira, desta cidade, — foram ao cartório do sr. Ponce de Leão fazer a *curiosa* escritura que publicamos, e através da qual se deduz o seguinte:

Que o sr. Geraldo Gonçalves recebeu do sr. Vítor Longa a importância de cinquenta contos, *por empréstimo* (?), — para as suas necessidades comerciais.

(Continua na página 19)

ZONA DE JOGO E
TURISMO

CASINO DE ESPINHO

ABRIU COM NOVA GERÊNCIA

FUNCIONANDO TODOS OS DIAS, DAS 15 HORAS A'S 4 DA MADRUGADA

Serviço especial de auto-carros entre
o Porto e ESPINHO

Um documento original

(CONCLUSÃO)

Eis o negócio escuro, e que não deveria ser revelado por ambos, — senão por confissão de dívida.

O sr. Geraldo Gonçalves, precauções, acatou-se para com o recebimento da importância, que ia sendo paga em fracções e, assim...: Como o sr. Geraldo Gonçalves ia ser nomeado aferidor de pesos e medidas no concelho de Vila Nova de Gaia, — lugar que esteve a concurso e que o sr. Geraldo ia ocupar, — o mesmo senhor comprometeu-se a pagar aquela importância em prestações semestrais dum importância correspondente a um terço do rendimento que lhe desse tal lugar, quer em ordenado, quer em emolumentos.

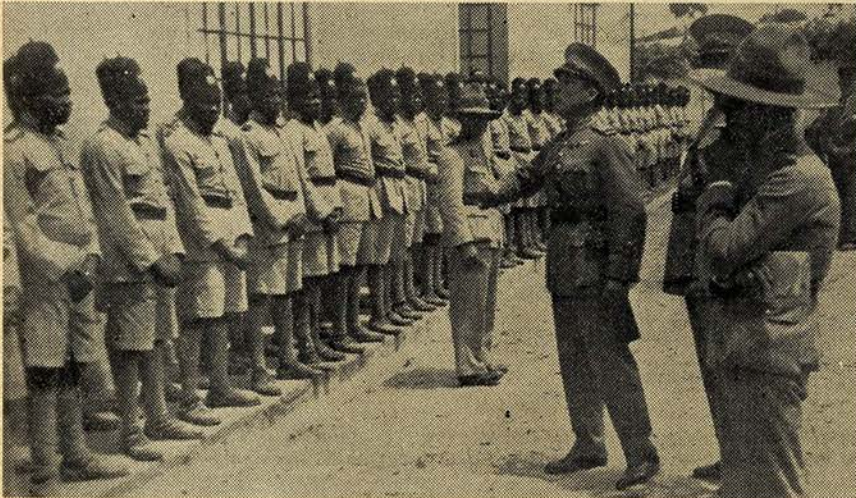
Depois, — isto é deveras interessante — a importância não venceu juro. Mas, as prestações que não fossem pagas a

tempo e horas, venceriam o juro de 10% desde o dia do vencimento até ao seu pagamento.

O leitor, se quiser analisar profundamente as bases em que se firmou o sr. Vítor Longa para receber a importância, dê-se ao trabalho de ler, de novo, a escritura.

Que existem nessa escritura termos exarados... — que são um autêntico vigário, — também é um facto provado. Que as testemunhas, se não provaram do bolo, foram sê-lo... sem saber do que se tratava, — ainda o não averiguamos. O que sabemos, o que salta à vista de toda a gente, — é que a confissão de dívida pela escritura publicada, é um autêntico negócio... escuro, — que aclaramos, hoje, a todos os leitores.

A visita ao Pôrto, da Companhia Indígena de Angola



COMOS visitados, ultimamente, pela companhia Indígena de Angola que nos maravilhou com os exercícios militares realizados no campo do Lima. Oxalá que esta iniciativa se repita periodicamente, para que os nossos indígenas fiquem conhecendo Portugal Europeu, já que eles só conhecem o Portugal Africano onde nasceram.

Desta forma, quando os estrangeiros tentarem, com as suas torpes insídias manchar Portugal, serão cabalmente desmentidos

pelos nossos indígenas, — portugueses como nós. Ei-los, nesta gravura, em «descanzo», ouvindo palavras enaltecedoras e entusiásticas, com o seu coração português a palpitar de reconhecimento pela maneira cordeal e afectuosa como foram recebidos, crentes de que existe neste canto da Europa, beijando o Atlântico, um terrão do Portugal negro que é a sua Pátria, e que sabe receber os filhos negros que tem, lá longe...

Folheando Antiquidades

Um lapónio português indo em demanda da árvore pataqueira, desembarcou no Rio de Janeiro. Embasbacado perante a opulência dos edificios, parou, mirando-os. Entretanto, aproxima-se-lhe um brasileiro que, profetizando ir passar um bom bocado, diz:

— *Dêxa de bêtera môço. Na tua terra não há casas tão lindas. Aqui si fábricas casas enormes n'um d'ri e fechã d'olhos. Já viu? Bôcê ficã bêta môço, si lhe dissê qui nós stãmos muito adiantados em tudo. Bocê stã bendo môço, d'quele homem que stã trabalhando lá em cima n'aquele 5.º andã?* — *Ainda ôntem calu di lá abaixo pr'a rua môço e ficô numa sôpa; já viu?* — *A cêbeça pr'a um lado. uma perna pr'a qui, um braço pr'ali e todos os ôsso n'um fêxe.* — *Pois môço, bôcê bai ficã bêta; já viu?* — *Chega ambulância d'Assistencia, pega ele ôs bocados, livando tu lo e, lá, mitendo pá-ráfuso d'aquí, pá-ráfuso d'ali o homem ficô logo bom como bôcê stã bendo.* — *Bôcê ficô bêta hein?*

O português ouviu, ouviu e respondeu:

— *Você agora vai ficar burro com o que se passou na minha terra: «Sou moleiro e, como tal, fazia todos os serviços que são inerentes àquêle mister. Um dia, por descuido, quando deitava milho no moinho, as mós apanharam-me um dedo da mão direita que imediatamente ficou triturado bem como o resto da mão e todo o braço. Gritei e meu pai que me ouviu, veio parar o moinho. Foi chamado o barbeiro que receitou uma pomada e, depois de durante três dias ter untado com ela o meu emmigalhado braço, já podia fazer assim... (poise na posição em que S. Francisco tem os braços). Ficou ou não você burro com o estado de adiantamento da minha terra?*

Numa roça brasileira

EPITAFIO

Pobre mamã
Qui di martirio
Minh'alma vê
E lá no cillistial impirio
Minh'alma irá visitã bocê.

Já viu?

Indo por uma rua certa senhora grávida e levando papélotes no cabelo, um estudante perguntou-lhe:

— *Aluga-se a casa?*
— *Você ou é tolo ou cego, — respondeu a senhora, — não vê que tem gente dentro!*

HERÓDES.

Os dramas da revolução Francesa

O primeiro romântico e a execução de CARLOTA CORDAY

POUCOS devem ser os que não conhecem a história do assassinato de Marat. Ninguém dos que já tenham lido algo que se relacione com a Revolução Francesa, ignorará os detalhes daquele crime político. Tampouco haverá muitos que tenham esquecido o nome de Carlota Corday, que, segundo palavras do célebre Vergniaud, «matou, mas ensinou-nos a morrer». Alucinada e decidida, quiz livrar a sua Pátria do homem terrível que ela supunha ser Marat.

Muito tempo esteve amadurecendo o seu plano no socêgo pastoral da sua província, aonde chegavam as notícias dos crimes monstruosos do revolucionário francês, quiçá um pouco exageradas. E ela, que era sincera revolucionária, pensava que as ideas deviam sempre triunfar pela doçura, pelo amor e piedade e nunca pelo terror.

Isto pensava e era a sua crença; mas, por um desses paradoxos tão próprios dos espíritos fracos, ela, que não queria ver sangue derramado, matou com as suas próprias mãos. Ninguém a inspirou nem a instigou, ao que parece. As suas frases são conhecidas:

«Eu não necessito de investigadores. Basta-me o meu próprio coração».

Cometido o seu delicto, compareceu ante os juizes, dando provas duma coragem sem precedentes. Um público numerosissimo, disputava os melhores lugares para presenciar o acto de julgar e sentenciar a heroica assassina.

Num dos primeiros assentos, cêrca do lugar ocupado por um célebre pintor que nos deixou admiráveis desenhos das principais figuras e interessantes cênas da Revolução francesa, cêrca do pintor David, senta-se um jóvêm médico alemão que tinha ido estudar a Paris, e diàriamente roubava ao carrasco um ou outro cadáver para surpreender o segredo da vida, com o auxílio da morte. Chamava-se o doutor Adam Kuntz e logo que ouviu falar a tôda a gente da desventurada Carlota Corday, como duma verdadeira fúria, quiz conhecê-la.

Ao vê-la ficou assombrado. Nunca vira uma mulher semelhante. Aquela desgraçada tinha para êle algo verdadeiramente fascinador. A sua juven-

tude era encantadora e a sua beleza sugestiva e deslumbrante.

Olhando-a atentamente, quiz descobrir nela algum detalhe revelador da ferocidade que lhe atribuíam, mas inutilmente. Cruzaram-se os seus olhos, e, com essa muda linguagem das almas puras, os seus corações corresponderam-se no mesmo momento, sentindo-se presos não sabemos em que ideal, que sentimento, que anseio.

O médico esqueceu-se de tudo o que o rodeava; só viu aquêlo rosto puro e virginal e aquêles olhos que o fixavam com uma estranha meiguice, e quando viu Carlota entre os soldados,—sem ouvir as injúrias, nem o rugir da multidão enfurecida,—Adam correu a sua casa e rompeu a chorar, a sua alma a trasbordar de súbito, incendiário e louco amor, por aquela desditosa jóvêm.

* * *

O médico não perdia nenhuma das audiências. Não queria deixar de ver



MARAT

um só dia àquela que considerava como dona do seu coração.

No dia 17 de Julho de 1793 Carlota Corday foi levada à guilhotina. Dando

provas da sua coragem de sempre, seguiu para o suplício. Ninguém a viu desmaiar ou acovardar-se. Anímosa e forte, não demonstrou a menor vacilação. O verdugo não teve nunca uma vítima mais submissa e dócil.

Era como uma flor que se deixa cortar, dando o seu perfume à tesoura que a fere.

Na primeira fila estava o médico. Queria ver pela última vez a adorada do seu coração, que o reconheceu a distância. Os seus olhares tornaram a cruzar-se e os seus olhos trocaram a derradeira carícia, o último afago.

Logo que se cumpriu a justiça dos homens, essa justiça que não tem apelação no mundo e quando o carrasco para congratular-se com a multidão pegou na cabeça de Carlota e lhe assustou uma tremenda bofetada, contam as testemunhas que ao mesmo tempo que córavam as faces daquela cabeça sem corpo, ouviu-se a voz de Adam, que dizia:

— ¡Covarde! ¡Covarde!

Foi detido imediatamente. Custou imenso trabalho livrá-lo da fúria do povo. Êle, sem mover-se, continuava vociferando maldições. Conduzido para a prisão, decidiu-se a escrever acusações contra os juizes. Pensando que se tratava dum louco ou do primeiro romântico — que se antecipava com muitos anos de antecedência, ao seu compatriota Werther — quiseram perdoar-lhe e evitar-lhe a terrível sorte que o esperava. Chegaram a oferecer-lhe a liberdade, se êle se retratasse; mas êle negou-se em absoluto a obedecer aos nobres conselhos dos que pretendiam salvá-lo. Insistiu nos seus ataques, e o Tribunal viu-se obrigado a condená-lo à última pena, ante a sua rebeldia.

O sentenciado ouviu sorridente a sentença. Pouco depois, manifestando a alegria que experimentava ao pensar que ia reunir-se à adorada da sua alma, foi levado ao suplício, sendo-lhe cortada a cabeça com o mesmo cutelo que privou da existência a desventurada Carlota Corday, que lhe tinha inspirado aquela louca e incompreensível paixão.

(Adaptação de A. B.)

OS "ARRANCA-CORAÇÕES" ? A criação artificial da vida?

Uma terrível e macabra seita negra. Algumas práticas africanas

Há sobas que o são por hereditariedade, e sobas eleitos pelos seus subditos; mas, nem uns nem outros, ainda recentemente, se consideravam no uso pleno dos seus direitos, sem que tivesse lugar uma macabra cerimónia.

Era posto à engorda um negro velho, como os suínos nas aldeias da metrópole destinados à matança do Natal, para ser esquarterado e bem cozido no dia da coroação do novo soba, ser comido pelos vassallos à mistura com a carne de muitos bois que também se matavam para a função. A seguir, organizava-se uma grande caçada, ficando então definitivamente reconhecida a autoridade do soba quasi sempre despótico e mau, embora obediente aos grandes feiticeiros que não queria desgostar por que os temia.

Antes de contarmos a verdadeira história dos «arranca corações», vamos relatar outros costumes arrepiadores, preparando assim o leitor para o mais bárbaro e inverosímil dos crimes.

Quando um negro era acusado de qualquer crime, só tinha uma forma de provar a sua inocência. Era a prova do *imbolungo*. *Imbolungo* é uma planta de cuja raíz se faz uma massa, que o acusado era obrigado a ingerir. Se o paciente vomitava ficava isento de culpa, se pelo contrário sentia perturbações, sintomas de envenenamento, não havia dúvida que era um criminoso!

Tratando-se de um rico que podia pagar, davam-lhe um antídoto; se o criminoso era pobre mataram-no à pancada, por não haver quem o comprasse...

Já na Judeia se usava um sistema semelhante para se conhecer o adultério. Em vez do *imbolungo* era uma água qualquer amarguíssima. As provas da água e do fôgo, comuns na Europa no século XXII, na Idade Média, eram semelhantes.

A poligamia, a devassidão, o faticismo, e outras práticas supersticiosas, reinaram em África claramente, e hoje às ocultas.

Nos casamentos e funerais dos pretos que tinham sido poderosos, tais actos eram retum-

bantes. Nos primeiros celebravam-se sempre os *alambamentos* a que os próprios brancos tinham de se sujeitar, se porventura, contraíam casamento com qualquer dulcinêa negra; mas neste caso só havia o pagamento de fazendas e aguardente, partindo a noiva para o tálamo conjugal.

Entre os negros, a noiva ia habitar durante oits dias para uma casa onde o *chimbanda* — médico — diariamente lhe dava certas unturas, estando a nubente completamente nua, acompanhada de paeas ao manipanso dos lares, a fim de ser feliz, não ser abandonada pelo marido e, sobretudo, para ter muitos filhos.

Decorridos estes oito dias, a noiva era exposta ao público envolta nos mais ricos panos da família, continuando então o *alambamento*, canções ridiculas e obscenas, acompanhadas de gestos que traduziam os actos sexuais, terminando estas festas e danças com grandes bebedeiras.

O casamento era indissolúvel só havendo o divórcio por esterilidade, cuja prova era o resultado dos novos casamentos que os cônjuges fizessem. Se a esterilidade era devida ao marido, a mulher abandonava-o sem que ele tivesse direito a qualquer reclamação; se pelo contrário o defeito fosse, da mulher, havia também o abandono, mas o mancho recebia a importância gasta com o *alambamento*.

Numa coisa, os negros mostravam e mostram, mesmo os mais selvagens, sentimentos nobres de honra e fidelidade. Era nos juramentos de amizade eterna aos brancos, depois da troca de sangues. E isto quasi sempre acontecia depois de se guerrearem, de terem combatido de armas na mão, a ferro e fogo, tudo esquecendo em holocausto à futura amizade fraternal. Consistia esta serimónia no seguinte: Um *quimbanda* com uma navalha, dava um golpe no peito do soba e com um pau apropriado apanhava algumas gotas de sangue que misturava no *quissangua* — bebida feita de milho fermentado — que o branco bebia. Este por sua vez sujeitava-se a uma operação igual, para o soba



Um soba, empunhando o septro de... lata

NOTÁVEIS EXPERIÊNCIAS

Ná tempos, o professor Spemann de Triburgo, demonstrou que era possível criar à vontade cérebros, espinais medulas, olhos, orelhas e narizes. Spemann serviu-se para estas experiências de embriões de reptis no primeiro estado ovular do seu desenvolvimento. Estes espécimes são desprovidos de pele e Spemann aplicando na sua carne nua, certas células vivas de embriões, conseguiu formar novos tecidos.

Assim, em partes muito diversas do embrião, a formação normal da epiderme foi substituída pelo tecido nervoso, duma espinha dorsal, de orelhas e de olhos. Este resultado parecia já um 'milagre'. Mas não era um milagre completo, porquanto eram empregados nas experiências tecidos vivos, para criar outros.

Mais importantes e curiosíssimas são, pois, as experiências recentemente realizadas no Instituto Biológico de Dablen, sob a direcção do professor Johannes Holtreter. Trata-se da reacção dum tecido vivo ao contacto dum tecido morto, reacção que acaba com o aparecimento dum cérebro, mesmo duma cabeça inteira. É também sobre a mucosa nua que se fazem estas experiências. Como no caso precedente, applica-se substância cerebral. Mas este tecido não é vivo, porque o professor Holtreter submeteu o primeiro a uma temperatura muito elevada, outras vezes a uma congelação. E, pois, este bocado de carne, sem vida, que o sábio põe em contacto com os embriões de reptis, mantendo este contacto, durante dois dias.

Depois o cérebro começa a formar-se. Em vez da pele, aparecem os órgãos da vista, do ouvido e do cheiro. Finalmente, passados dias, constata-se na parte abdominal do embrião, já desenvolvido, contornados duma cabeça em vias de formação.

O mais curioso nesta experiência é que o indutor morto revela uma actividade mais acentuada que as células vivas. O mesmo tecido pode servir três ou quatro vezes provocando sempre o aparecimento dum cérebro, depois duma cabeça, sobre novos ovos de reptis.

As experiências do professor Holtreter esclarecem imenso o mistério da vida.

Assim o cérebro, o espírito, o pensamento, as manifestações mais elevadas da vida, explicam-se por reacções químicas!

Descobrirá o homem, o mistério do próprio homem?

beber; depois, procedia-se à selagem do pacto de amizade perpétua. Empunhando ambos o mesmo machado, davam um golpe numa árvore, logo preenchido com gesso. Estava selado o pacto entre o branco e o negro incluindo toda a tribo. O branco passava a ser considerado um hóspede, um aliado.

Um grande batuque solenizava a aliança que jamais era quebrada.

(Continua)

S A I D

A VIDA AVENTUROSA DE

DANIEL DEFÔE

Um escritor de talento que escreveu as suas melhores obras numa prisão escura — O primeiro novelista policial

DANIEL Defôe o imortal autor da famosa novela, enlevo da nossa meninice, Robinson Crusôe, foi um daqueles escritores cujo destino fadou para as grandes emoções. Filho de uma família modesta de uma aldeia dos subúrbios de Londres, Daniel Defôe, foi no seu tempo, o que hoje se chama um homem avançado. Os seus ideais políticos despertaram nele, ainda criança, uma azougada conduta que os pais carinhosos mal podiam tolerar. Mas o espírito de Defôe não estava fadado para se guiar pelos paternais conselhos e, aos dezoito anos, Defôe rapta uma engraçada rapariga que mais tarde devia ser a sua conselheira extremosa nos dias amargurosos do fim da sua existência agitada.

É então que, com a responsabilidade de uma prole numerosa, Defôe pecca seriamente na vida que até ali tinha tão mal compreendido.

Com trinta anos de idade e pai de numerosos filhos a pedirem-lhe pão uns, vestidos, outros, Defôe organiza com a cooperação de um amigo, uma cutelaria que mais tarde foi famosa pelos belos exemplares que aí conseguira reunir.

Estava resolvido o grave problema da manutenção da família, Defôe deixa os negócios ao cuidado da esposa e parte em digressão pelo norte de Inglaterra. Em Liverpool conseguiu empregar-se num banco e durante os seus ócios escreve o seu primeiro livro «*Ensaio sobre projectos*» onde reuniu interessantes conselhos acêrca de economia e higiene.

Em Londres

Com êste primeiro sucesso nas letras, Defôe vem novamente a Londres, agora agitada por constantes lutas religiosas.

Escreve então uma sátira violenta «*O caminho mais rápido para acabar com os dissidentes*».

Êste opúsculo valeu-lhe a amizade de alguns bispos que o protegeram. O Govêrno, porém, não lhe perdoou e condenou-o durante longos anos à prisão. No cárcere funda a revista de assuntos políticos e religiosos «*The Review*», em que escreve uma carta dirigida à Princesa Ana, pedindo a liberdade. A Princesa apie-

dou-se do que depois foi autor do *Robinson*, e Defôe é solto.

Logo após ter deixado o cárcere escreve uma reportagem detalhada sobre «*O aparecimento da senhora Veal*» em que amofina a crendice popular que levou o povo inglês a ver manifestações místicas em qualquer trivial acontecimento. Desta vez é o poder eclesiástico que o persegue, mas o govêrno faz dêle seu conselheiro «em tudo que respeite a assunto religioso» e Defôe vive então uma situação folgada e invejável.

Um motim popular atira o govêrno a terra e Defôe é novamente preso, sendo desta vez torturado com castigos dos que o perseguiam por ordem do poder episcopal que êle ofendera. Nesta altura da sua vida, Defôe era rico e vivia feliz, na prisão começando a passar o mais amargo pedaço da sua vida, tão cheia de peripécias. É aí que êle funda outra revista que devia custar-lhe peníveis e atrozes sofrimeutos. A *Mercurio Político*, teve de resto uma longa duração, graças ao protecionismo dos seus amigos dedicados.

O verdadeiro Robinson

Em meados de 1705 um lugre inglês navega a tóda a fôrça do vento, pelas águas do Pacifico imenso. É o pequeno barco em que viaja o marinheiro inglês Alexandre Selkirk que, por uma rixa com o capitão da pequena nau, é abandonado numa daquelas muitas ilhas que povoam o Pacifico, em frente ao Chile. Foi na ilha João Fernandes que ficou abandonado o infeliz marinheiro que ali viveu só, abandonado durante quatro anos; com efeito, por fins de 1709, uma pequena nau espanhola que o vento levava aquelas paragens, salvou o desgraçado marujo. Enviado para a capital de Inglaterra pelo govêrno espanhol, Alexandre Selkirk, como se o castigo fôra pequeno, cai na mesma masmorra em que Defôe ia morrendo aos poucos. Defôe ouviu de Alexandre Selkirk tóda a tragédia da sua odisseia e de aí a meses aparece a primeira parte da sua imortal novela *Robinson Crusôe*, cujo enredo foi feito à custa das narrativas do verdadeiro Robinson, do marinheiro abandonado na ilha João Fernandes,



Robinson Crusôe na sua ilha, segundo uma gravura que ilustra a imortal novela de D. Defôe

Alexandre Selkirk. O sucesso em Inglaterra foi enorme; em quatro meses fizeram-se quatro grandes edições. Um ano depois, aparece a segunda e terceira parte e a última, muito pouco conhecida entre nós; — *Graves reflexões*.

Memórias de um condenado à fôrça

Defôe é agora muito querido em Londres; o seu nome encheu-se de aureola e tóda a gente fala nêle. Mas esta popularidade não impede que Defôe seja novamente encarcerado por uma sátira em que ridiculariza os bispos protestantes.

No calabouço para onde o atiraram, gemia um bandido célebre, Sheppard, que no dia seguinte devia espernear na fôrça.

Defôe consegue acalmar o desgraçado e consegue até, que o bandido lhe conte tóda a sua vida de aventuras. Foi então que Defôe se ensaiou na literatura policial, de que foi um insigne precursor. As suas *Memórias de um condenado à fôrça*, constituem, ainda hoje, um curioso relato dos *trucs* então usados pelos ratoneiros.

Tal é, em largos traços, a vida dum grande escritor que o destino fadou para escrever dentro do cárcere. Foi talvez devido ao meio em que foram escritas, que as *Memórias de um condenado à fôrça*, alcançaram tanto sucesso.

C. R.

O Crime da Pôça das Feiticeiras (PLEBISCITO)

Relação daqueles, que desejam justiça

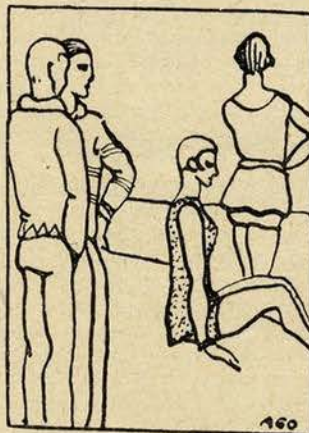
(Continuação do número anterior)

Antônio Marques de Oliveira, guarda-livros; Alice Marques de Oliveira Reis, doméstica; Ana Ribeiro Reis, doméstica; José Marques Reis, estudante; Joaquim Marques Reis, estudante; Lino Marques de Oliveira Reis, estudante; Fausto Pinto Lôpo, serralheiro; Olivia Coutinho, doméstica; Cândida M. Luisa, idem; Isaura Coutinho, idem; Antônio Mendes Barreiros, Eduardo Martins Soares, José Vicente Martins, Antônio Fernandes Vozone, Valentim Cardoso dos Santos, Acácio da Conceição Santos, Oscar Neves Baptista, Joaquim Pereira Borge, ajud. de notário; José Antônio Junior, comerciante; Vitor Antônio Pinto, idem; Manuel Gonçalves Rue, idem; Antônio da Silva Paulo, funcionário público; Manuel Emídio Pereira, relojoeiro; Francisco de Almeida, motorista; José Lopes Capela, comerciante; Adelino Pereira Marujo, industrial; Arlindo Pessoa de Amorim, funcionário público; Fernando Antônio Ferreira, emp. comercial; Manuel Pedro Barroso, ferroviário; Mario Pessoa de Amorim, comerciante; Antônio Pereira Borge, escrevente; José da Silva Patrio, comerciante; Antônio Inácio, Manuel Leitão Pereira, proprietários; Manuel da Silva Freitas, comerciante; José Martins Praia, escrevente; Manuel Lopes dos Santos, barbeiro; Manuel dos Santos Palma, militar; Antônio Lopes dos Santos, barbeiro; Luis Filipe Tavares Belo, Manuel Inácio Pina, empregados comerciais; José Antunes Alves Grácio, proprietário; Vitorino dos Santos, tecelão; José da Silva Rios, serralheiro; Maria da Conceição, Maria Alice Dias Teixeira, Ana Teixeira, domésticas; Domingos Dias Teixeira, tecelão; Antônio Maria da Silva, Alvaro Fernandes Martins, Américo Carlos da Silva, Mário Pereira, Martinho Gonçalves, José Pereira Barbosa, Ramiro da Silva Carvalho Leopoldo, marítimos; Antônio Pinto, ferreiro; Francisco José Ferreira, cerâmico; Guilherme Mário Alves, trabalhador; Joaquim Manuel Gusmão, comerciante; Angelo Pinto, Américo Novais Pinto Ferreira, gráfico; Jaime Dias Novais Pinto Ferreira, estudante; José Trilho, fogueteiro; Guilherme Alves da Veiga, emp. comercial; Manuel Jesus Alves, contratado; José Casimiro, galvanizador; Ernesto Pereira de Azevedo, sapateiro; Hermínio Teixeira, emp. comercial; Maria Jesus Lopes, doméstica; Domingos Marques, emp. comercial; José Augusto Castro dos Santos, ajud. de guarda livros; Vicência Joaquina P. Castro e Santos, Tereza Beatriz Castro Pires, Clotilde da Glória de Castro, domésticas; Augusta Olinda de Castro, florista; Odília Augusta Castro dos Santos, Maria Alice Dias, costureiras; Bernardino Vale dos Santos, alfaiate; José da Costa Monteiro, industrial; José Soares da Silva, serralheiro; José Amarante, pintor; Antônio Ferreira de Mendonça, motorista; Laurinda Ferreira de Mendonça, dom.; Joaquim Alves Silva, trabalhador; Manuel Pinto de Oliveira, emp. comercial; João Pinto de Olivera, idem; Evaristo Pinto Carneiro, idem; Quitéria Pinto de Oliveira, Maria Magalhães Carneiro, domésticas; Maria Pinto de Oliveira, costureira; Fernando Pinto de Oliveira, 1.º sargento da Cruz Vermelha; Camila Pinto Magalhães, doméstica; Henrique dos Reis, industrial; Mário Henrique Reis, estudante; Manuel dos Reis, emp. sup. da Carris; Manuel Guilhermino dos Reis, emp. comercial; Rogério Ribeiro, gráfico; Deolinda Ribeiro, costureira; Libânia Costa, proprietária; Daniel Magalhães, emp. comercial; Elisa Lemos Ma-

galhães, proprietária; José Pinto Magalhães, pintor; Josefina Pinto Magalhães, dom.; Alvaro Noré da Rocha, mecânico; Avelino Noré da Rocha, gráfico; Carlos Noré da Rocha, ajud. de mecânico; João da Rocha Oliveira, torneiro mecânico; Armando Correia Jorge, gráfico; Maria Martins Coelho, dom.; Delfim Moreira da Silva, encadernador; Marcos Morgado, modelador cerâmico; João Ferreira Laberco, idem; Mateus Teixeira da Silva, Antônio Ferreira Laberco, Agostinho de Sousa, Domingos Celestin Luizo, Marcos Morgado Junior, João da Silva Matos, Tobias de Sousa, João Ferreira, cerâmicos; Antônio Marques Rodrigues Lobo, Adelino Gonçalves, Antônio Bernardo Saraiva, Joaquim Bernardo Lobo, comerciantes; Antônio Nunes Martinho, barbeiro; Manoel de Brito Faria, alfaiate; Nautilio das Neves Pinto, ferrador; Albino Vitorino, ourives; Rita Ferreira, dom.; José Anibal Rodrigues, emp. comercial; Alvaro dos Santos Silva, comerciante; Joaquim Lopes, refinador; Arlindo Marinho Castro, praticista; Albino Ferreira da Silva, cosinheiro; Artur Ferreira da Silva, cinzelador; Albino Ferreira da Cruz, gráfico; José A. Campos, ourives; Amélia Campos, dom.; Domingos Rodrigues, marítimo; Ana Ferreira, dom.; Avelino Barreiros, ourives; Joaquim Barreiros, Domingos Barreiros, pedreiros; Francisca Nogueira, doméstica; Leonardo N. dos Santos, ourives; Augusto Coelho, caldeireiro; Diamantino Luis Ferreira, gráfico; Augusto de Oliveira e Silva, proprietário; José Augusto da Silva Duarte, estudante; José Gomes Moreira, Antônio Augusto de Miranda, farmacêuticos; Francisco Viana Junior, proprietário; Isolina Viana, Rosa Costa, Adeline Melo, domésticas; Genoveva Beatriz Pereira, emp. comercial; Alvaro Augusto Mendes, idem; Antônio Amorim, idem; Francisco da Silva, idem; João Gomes Pinheiro, caixeiro; Joaquim Gomes Pinheiro, idem; Anibal Gomes Carneiro, emp. escritório; Alvaro Ferreira da Silva, emp. público; Mário Rodrigues Simões, emp. comercial; Ricardo Queiroz, idem; Francisco Leitão, proprietário; José Tinoco,

idem; Duarte Santos, fotografo; Albano Cardoso Santos Gamino, comerciante; Maria da Conceição Fernoades, dom.; Agostinho de Oliveira Marques, Manuel Lopes de Brito Neto, Joaquim da Silva, Ladislau Pinto Magalhães, enfermeiros; Domingos de Carvalho, Antônio Marques, Silvio Carvalho, estudantes; Joaquim Dias, chaffeur; Adelino Mauricio, proprietário; Antônio Manata, ourives; Joaquim Lourenço Paixão, viajante; Tereza Angélica Mano; modista; Helena Bopes da Fonseca, ajud. de notário; José Lopes da Fonseca, emp. comercial; Pedro de Matos Amaral, serralheiro; Henrique Lopes da Fonseca, Filho, emp. do comércio; Alzira de Jesus Araújo; dom.; Ramiro de Almeida, serralheiro; Maria do Carmo Loureiro, Maria Tomázia Loureiro, Maria do Carmo Lisboa, Matilde Lisboa, Lucília Loureiro Albino, Paulina Loureiro, Maria Augusta Macedo, proprietárias; João Maria Albino, Acácio José Vilela Pinto, Luis Vitorino Pinto, Joaquim M. Moutinho, proprietários; Valentina M. Pinto, Ana da Conceição Moutinho, Antônia Odete de Moraes, domésticas; Manuel Fernandes de Oliveira, Tristão Augusto Sobral, João Curtinhal, Domingos Caetano Chaves, Bernardo Carvalho, José Avelino de Carvalho, alfaiates; Bernardo Pereira de Carvalho, emp. comercial; Lourenço da Silva Rates, Ildio Soares Correia, José Peixoto Junior, Manuel Moreira, marítimos; Sofia Carolina Leite da Silva, Leonor Leite, domésticas; Eduardo Leite da Silva, estudante; Manuel José Carvalho, emp. comercial; João Lúcio Marques, trabalhador; Raúl Alves de Moraes, estucador; Eduardo Leite Nunes de Azevedo, Armando Marques Vidal, comerciantes; Antônio Lopes dos Santos, sarg. ajud.; Manuel Antônio Lopes, cesteiro; Ana Nogueira da Silva Leite, dom.; João da Silva, Julio César Cordeiro da Silva, José Fernandes Barbosa, Alcino da Silva, ferroviários; Raúl Ramos, electricista; Joaquim Meira Vieira Pinto, emp. comercial; Tobias Fernandes Barbosa, idem; Mário Correia, idem; Antônio Simões, idem; João Pinto dos Santos, José Alves dos Santos, Joaquim Iglesias, Eduardo Pereira, industriais; João de Oliveira, negociante; Américo Martins, padeiro; Pedro Pena da Silva, emp. com.; Delfim Gaspar, Manuel Pinto Braga, serralheiros; Licínio Moreira, industrial; Filipe Ferreira Gonçalves, Mário Jesus Nicolau, comerciantes; Antônio Teixeira da Rocha, sapateiro; Maria Alice da Conceição e Silva, Maria Teixeira de Magalhães, Maria Alzira Pereira da Cruz, Edith A. Pereira, Rosa Adelaide Ramos, Maria Célia Pinto, Maria Tereza da Fonseca, estudantes; Ana da Silva, Maria Madalena, Claudina Teixeira Pereira, domésticas; Florentina Leite, servicial; Ana Vilela, ind.; Tereza da Fonseca, modista; Maria Albertina Fonseca, estudante; José Maria Leite da Silva, motorista; Ermelinda Leite da Silva, dom.; João Leite da Silva, estudante; José Gonçalves Travassos, José Lima, proprietários; Manuel Antônio da Fonseca, sargento; João da Conceição Bilé, 2.º cabo pensionista; Luis Alves de Sousa Gomes, secretário do C. da Polícia; João José Baptista, Hermínio Raúl, funcionários públicos; Raúl Amaro Gomes de Andrade, ajud. de Esquadra; Antônio da Cruz Curado, prof. primário; Joaquim Lemos Junior, comerciante; Manuel Lucas, idem; José Maria Teixeira, idem; Antônio Camilo, Furtunato Martins da Cunha Sampaio, proprietários; José Carvalho da Cunha, prof. oficial; João da Costa Leite, Antônio Faria, viajante; Narciso Vieira de Azevedo, alfaiate; Amadeu Rodrigues, carpin;

PRAIAS...



- Tua irmã é cinefilia?
- Não! É costureira em Cedofeta.

O CRIME DA PÔÇA

DAS
FEITICEIRAS

No dia seguinte, acompanhada por um oficial da administração veio, para a Regoa, onde chegou por volta das 11 horas, dando entrada na cadeia. Que por volta das 23 horas foram, de novo buscá-la, metendo-a num automóvel que partiu para esta cidade, (Viseu) onde chegaram por volta das 5 horas e, um dos indivíduos levou-a a uma casa da rua Nova, onde a respondente pernitoiu a pedido de esse indivíduo. Que não conheceu, assim como não conheceu os três que vinham no carro e que era guiado por um «chauffeur» alto, magro e de bigode grande, que lhe pareceu ser o José Dionísio, mas que não tem a certeza se era ele. Preguntada se sabe quem era a família da casa para onde a levaram a pernitoiar, respondeu que o chefe dessa família se chama Manuel Alfaiate, que era genro do António Batista, que residia ao tempo do crime na Quinta de S. Caitano e que era parente do João Alves Trindade.»

Não podemos, por hoje continuar a publicar o depoimento da Beatriz Abrantes. Para a semana o faremos. Quem é amiguinho, sr. Augusto (?) Quem o elucida com provas por forma ao senhor não tornar a fazer má figura?

CÉSAR PULIMO

[continua no próximo número]

calçando
O PORTUGUÊS
NÃO HÁ MAIS SUOR NOS PÉS
É TODO
INTERIORMENTE
VENTILADO E
inventado
por um português
R. S. Catarina, 53 Porto



PATENTE
N.º 16.914

ESPECTACULOS

DE LISBOA

TEATROS

Politeama — A companhia de Hor-tense Luz e Eva Stachino com «Cabe-ças no Ar».

Avenida — Continua com grande su-cesso a revista «Fôgo de Vistas».

Maria Vitória — A revista saloia de grande êxito «As lavadeiras».

Teatro S. Carlos — Uma peça cuja acção decorre em Alfama, numa noite de Santo António. — «Alfama».

GINEMAS

Tivoli — A famosa fantasia oriental, de grande espectáculo, «Chandu, o Fakir», com Edmund Lowe.

S. Luís — O formidável filme de Fritz Lang «O testamento do Dr. Mabuse», o maior acontecimento da época.

Odeon — A desopilante e alegre comé-dia da Paramount «Honra de Amante», com Claudette Colbert.

Palácio — A engraçada opereta «Di-plomata para Senhoras», com a jovem vedeta Marta Eggerth.

Condes — O grande sucesso da semana, com a comédia «O Presídio Diverte se», paródia a «Código Penal».

Royal — O formidável acontecimento cinematográfico: «Tarzan, o Homem Macaco».

Lys — A melhor produção europeia do cinema sonoro: «D. Quixote».

Café Restaurante Primavera

28, Travessa da Picaria, 28

Avisamos os nossos Ex.^{mos} fregueses que en-contrarão nesta casa, todos os divertimentos artísticos, bem assim como serviço de café, Bar e Restaurant, Vinhos das melhores procedências. Variedades tôdas as noites. Excelente grupo de jaz-band.

Aberto toda a noite

CANHENHO DUM REFRACTÁRIO

A nudofobia do sr. Carqueja

O pudibundo e bento Carqueja, em artigo de fundo de «O Comércio do Pôrto», sensata e pacatíssima gazeta que usa bota de elástico, cobre chapéu de côco e vai à missa aos Domingos, lançou mão da pena para escrever algumas malfadadas regras contra o nudismo. Sua Excelência, armado em D. Quixote do pudor, da moral pública e do bom recato, apolético de indignação, desembeta em gritinhos de beata histérica e todo se esmijaça à cata de lugares comuns com que argamassar a sua nudofobia.

Para nós, moral é tudo quanto possa, sem prejuízo de outrem, contribuir para o aperfeiçoamento e bem estar do indivíduo.

Ora sob o ponto de vista físico as van-tagens do nu estão, quer teórica quer praticamente, tão insofismavelmente comprovadas que, dizer que o nu contribui para o depauperamento da raça, é passar a si próprio um diploma de asno chapado.

Sob o ponto de vista psíquico o nu só pode levar a desregramentos sexuais quando exista qualquer predisposição mórbida.

Em criaturas normais, sobretudo quando o nudismo é praticado ao ar livre, ou aquêle perigo não existe ou depressa desaparece. O nudismo contribuirá até para morigerar e equilibrar a nossa vida sexual pois, se desde crianças nos habituássemos ao nu em comum, a vista parcial ou total de um corpo nu, pela força do hábito, dificilmente provocaria em nós qualquer exacerbação anormal do líbido, do mesmo modo que a vista dos viveres não provoca em nós excitações anormais do apetite.

Se assim não fôsse os selvagens das regiões tórridas, que andam quasi nus, deveriam viver em orgia permanente.

Concluimos portanto que a prática do nudismo é eminentemente salutar e benéfica, tanto sob o ponto de vista físico como psíquico.

Porém, não o entende assim o austero Carqueja, o qual se verbera o nu ao natural também deve logicamente verberar o nu artístico, pois uma estátua ou um quadro em que figure o nu, são tão susceptíveis de suscitar pensamentos e actos libidinosos como o corpo nu ao natural.

Logo, se opina que não devem permitir-se exhibições nudistas ao natural em lugares públicos a que concorrem muitas pessoas honestas, e portanto anti-nudistas, também por certo preceitua que se não permitam em lugares públicos exhibições do nu artístico tão imorais como as outras.

Quantas vezes, ao subir a Avenida dos Aliados, os seus olhos se desviarão púdica-mente ao encarar com a estátua da fonte e uma onda de indignação purpurejará a sua calva respeitável de sócio da Academia!

O sr. Bento é um símbolo e uma reliquia e por isso, com aquela veneração que nos merecem tôdas as preciosidades arqueoló-gicas, terminamos propondo a seguinte apostilha aos Dicionários da Língua Portu-guesa, na palavra carqueja: «indivíduo excessivamente puritano no que respeita a costumes, indivíduo que tem a obsessão do respeitável».

Boa tarde, sr. Carqueja.

João sem Pátria



EUROPÊA

COMPANHIA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1922

SEGUROS DE INCÊNDIO
SEGUROS MARÍTIMOS
SEGUROS DE CAUÇÕES
SEGUROS DE AUTOMÓVEIS
SEGUROS DE ACIDENTES DE TRABALHO
SEGUROS DE ACIDENTES INDIVIDUAIS
SEGUROS DE ROUBOS E DE TUMULTOS
SEGUROS DE RESPONSABILIDADE CIVIL
SEGUROS DE MERCADORIAS E BAGAGENS EM
SERVIÇO COMBINADO COM OS CAMINHOS DE FERRO

SEDE EM LISBOA — Rua Nova do Almada, 64, 1.º — TELEFONE, 20911

Representada no Pôrto pela firma: — JOSÉ DA SILVA REIS & C.ª, SUCESSORES
Rua da Fábrica, 5 — Telefone, 631

MALZ CAFÉ

CAFÉ DE CEVADA manipulado pelo sistema KNEIPP, dando a impressão do verdadeiro café, é o melhor para ser usado por tôdas as pessoas a quem o uso do café vulgar esteja proibido.

Pacote

de 250 gramas

1 \$ 50

Fornecem amostras grátis os depositários gerais:

REIS & C.ª EM C.ª (POR ACCÕES)

21, Rua das Flores, 25 — PORTO

À venda em tôdas as boas mercearias

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA